



APROXIMAÇÕES ENTRE A AFROCENTRICIDADE E O ENSINO DE GEOGRAFIA: Localização e agência como pontos de partida

Thiago Machado Santana¹
t187600@dac.unicamp.br

Resumo

Visando abrir conexões entre o campo científico da geografia e a produção de conhecimento que centralize a racialidade nas análises teórico-metodológicas, o artigo reflete nas possibilidades de integração da afrocentricidade no ensino de Geografia no Brasil. Buscando descolonizar o currículo e romper com as amarras coloniais e eurocêntricas, a afrocentricidade é apresentada como uma abordagem teórica e pedagógica que recentra o sujeito negro como produtor de conhecimento e história, em oposição à hierarquia racial e ao apagamento da contribuição africana e afro-brasileira. O artigo propõe o uso dos conceitos de localização e agência para valorizar as territorialidades negras e promover o protagonismo de estudantes negros, alinhando-se à Lei 10.639/03. Objetivando construir de fato um ensino de Geografia que promova uma educação mais justa, plural e emancipatória, a proposta metodológica articula abordagens qualitativas, com ênfase na epistemologia afrocentrada e na leitura crítica do espaço a partir do pensamento miltoniano.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Afrocentricidade; Localização.

Introdução

Considerando as múltiplas aberturas e possibilidades para (re)pensar as práticas didáticas no ensino de Geografia, a sistematização das reflexões expostas a seguir, busca vislumbrar novos horizontes epistemológicos que desnorteie as amarras coloniais ainda presentes na estrutura da formação socioespacial (SANTOS, 1978) brasileira.

Nesse sentido, propõe-se uma apropriação crítica do currículo, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas limitações, como caminho para ampliar a compreensão do espaço e das relações sociais a partir de perspectivas históricas e culturais diversas.

Consonante com a concepção do currículo enquanto território contestado (SILVA, 1999) e, fruto de um conjunto de disputas e narrativas que configuraram suas normativas e diretrizes contemporâneas, que gradativamente incorpora ao seu escopo a agenda política de quem historicamente não deteve a permissão de ser, do saber e do poder.

¹ Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Geografia no Instituto de Geociências (IG - UNICAMP). Agradecimento à CAPES pelo fomento e suporte concedido à realização da pesquisa.



Entre os muitos grupos assujeitados às lógicas de dominação que perduram desde o processo secular da colonização, a qual consolida a raça como o vetor da estratificação social da modernidade, enfatiza-se a população negra, construída socialmente para categorizar a oposição da expressão máxima de humanidade: o branco.

A permanência da hierarquização racial nas estruturas sociais contemporâneas evidência que o racismo, ao ser instrumentalizado para garantir e preservar os privilégios da supremacia branca, impedindo assim uma abordagem metodológica reduzida ao “recorte de raça”. Trata-se de um elemento fundante das dinâmicas de poder, que atravessa e sustenta múltiplas formas de controle social.

Nessa perspectiva, a análise das relações étnico-raciais deve reconhecer o racismo como dimensão central e estruturante da realidade brasileira. Partindo do conceito de dispositivo de racialidade, desenvolvido pela filósofa Sueli Carneiro, entendido como mecanismo ideológico e institucional que define o racismo como eixo de ordenamento das relações sociais, definindo lugares sociais e subjetividades a partir da lógica da dominação racial (CARNEIRO, 2023).

Dentre as muitas possibilidades teóricas, não só de enfrentamento ao racismo, mas que o compreenda na sua totalidade de centralizador das relações socioespaciais, opta-se aqui pela teoria da afrocentricidade, como ferramenta de reorientação epistemológica que, ao recentrar o sujeito negro como produtor de conhecimento, história e cultura, reposiciona os sujeitos africanos e afro-diaspóricos do lugar de objeto para o lugar de centro.

Ao recusar a universalidade eurocêntrica e suas formas de silenciamento, essa perspectiva oferece caminhos para reelaborar os sentidos de ser, saber e agir no mundo a partir de referenciais ancestrais, históricos e políticos dos movimentos negros.

Nesse contexto, este artigo ancora-se no horizonte aberto pela **Lei 10.639/03**, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Desta forma, a aproximação entre a afrocentricidade e o ensino de Geografia se mostra especialmente potente, uma vez que esta é uma disciplina que lida diretamente com as questões de território, identidade, relações de poder e produção dos espaços, exemplos de elementos atravessados pelas relações raciais.

Partindo das contribuições de Milton Santos no âmbito da geografia crítica. A proposta parte do reconhecimento da centralidade do sujeito negro como agente de produção do espaço e do conhecimento, bem como da necessidade de descolonizar os referenciais teóricos e metodológicos da Geografia, tradicionalmente alicerçados em uma matriz eurocêntrica.



Ao introduzir as categorias analíticas de **localização** e **agência**, a afrocentricidade pode promover uma ampliação crítica do campo de análise geográfica, ao mesmo tempo em que oferece subsídios teórico-metodológicos para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a descolonização do currículo e a valorização de outras formas de conhecimento.

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e crítica, que articula os conceitos de localização e agência da Afrocentricidade com o de formação socioespacial, propostos por Milton Santos. Parte-se do reconhecimento do sujeito negro como agente epistêmico e produtor do espaço, buscando tensionar as epistemologias eurocentradas da Geografia.

A análise é conduzida por meio de uma leitura crítica do espaço, que considera os territórios negros como expressões de resistência e permanência de saberes ancestrais, interpretados enquanto rugosidades que revelam a pluralidade de tempos e práticas no território. Essa articulação teórico-metodológica permite uma compreensão do espaço como campo de disputas simbólicas, históricas e políticas, operando a descolonização dos referenciais geográficos por meio de epistemologias negras.

A construção histórica de um conceito e sua operacionalidade potencial na Geografia

Derivado das diferentes reivindicações associadas às lutas por igualdade, liberdade, direitos e independência que demarcam o ativismo negro em escala transcontinental, o escopo filosófico e teórico da afrocentricidade é influenciado por diferentes ativistas negros e africanos que travaram luta contra o processo de colonização, somada aos que tiveram um papel ativo nos movimentos de independência, particularmente no continente africano.

Tomada esse conjunto de narrativas como ponto de partida para responder o porquê da escolha da abordagem afrocentrada, e até que ponto a disciplina geográfica pode contribuir para a construção de um conhecimento que de fato rompa com o eurocentrismo, expressão ideológica, política e cultural que tem tido um papel definidor na colonialidade presente na escala do saber.

Formulada no final do século XX pelo professor e filósofo estadunidense Molefi Kete Asante, com sua obra *Afrocentricidade: a teoria de mudança social* (1980). A afrocentricidade marca a proposição de um novo paradigma referenciado nas histórias e culturas africanas.



De acordo com Asante (2006), a afrocentricidade é tanto uma crítica quanto um corretivo. Critica na medida em que sinaliza o etnocentrismo ocidental enquanto um conjunto de crenças que geram distorções do real a partir da ótica eurocêntrica. E corretivo na medida em que propõe novas formas de desenvolver estudo, pesquisa e conhecimento dentro da corrente denominada “Africana”.

Por um lado, a Afrocentricidade procura corrigir o sentido de lugar do africano e, por outro lado, fazer uma crítica do processo e extensão do deslocamento causado pela dominação cultural, econômica e política europeia da África e dos povos africanos. (ASANTE, 2006, p.7)

É importante pontuar que, a corrente de estudos Africana, primeiramente idealizado por Asante, não se propõe a abordar uma identidade africana a partir de uma unidade cultural generalista ou unanista (APPIAH, 1997). O termo “estudos Africana” posto aqui no plural, conforme sintetiza Elisa Larkin Nascimento (2008), indica a multiplicidade e diferentes finalidades que caracterizam esta epistemologia:

A múltipla abrangência do campo, que estuda os povos africanos e afrodescendentes em todo o mundo, e a sua metodologia multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. Com essa orientação plural, a disciplina explora as histórias, as instituições, os movimentos políticos e culturais, as economias, as culturas, a criatividade e as identidades dos africanos e da diáspora em suas expressões históricas, econômicas, políticas, artísticas, literárias, teóricas e epistemológicas. A pluralidade do conceito se reflete também na acepção da palavra africano (...) o termo se refere aos afrodescendentes e a seu legado cultural no continente e na diáspora em qualquer parte do mundo (NASCIMENTO, 2008, p.29).

Inserida no contexto acadêmico ocidental, ambiente onde a tradição do pensamento afrocentrado se desenvolve em tensão com as epistemologias dominantes, a afrocentricidade representa uma ruptura paradigmática que desafia os fundamentos da matriz científica eurocêntrica. Trata-se de uma afirmação da presença psicológica, histórica e cultural africana na produção de conhecimento, opondo-se aos mecanismos de apagamento e subalternização racial.

No campo educacional, essa abordagem atua como uma força suleadora, termo que remete à ideia de orientar-se pelo sul, ou seja, pelas experiências e cosmologias africanas e afro-diaspóricas. O aspecto pedagógico do pensamento afrocentrado reside em uma consciência coletiva enraizada na resistência à opressão racial e colonial, comprometida com a dignidade, a ancestralidade e a valorização da cultura negra.

Como destaca Swahili (2020, p. 134), essa consciência expressa “compromissos compartilhados de resistência à opressão racial, colonial e, também, ao destino de sua



humanidade, orientado ao respeito pela ancestralidade e aceitação de sua cultura”. Essa postura crítica se insere no campo filosófico por meio da afroperspectivismo, que, como define Nogueira (2012, p. 65), corresponde a “todo exercício filosófico protagonizado por pessoas com pertencimentos marcados principalmente pela afrodiáspora”.

O deslocamento referencial proporcionado pela filosofia afroperspectivista constitui um ponto de partida fundamental para repensar e reposicionar não apenas o protagonismo de africanos e afrodescendentes na história e na produção do conhecimento, mas também para denunciar o etnocentrismo epistêmico operado pela hegemonia branca. Este modelo, eurocentrado e excludente, construiu-se em detrimento de todos os povos não brancos, instaurando uma hierarquia racial e cultural que determina quem tem legitimidade para pensar, ensinar e ser reconhecido como sujeito de saber.

Tal lógica se manifesta concretamente na escola, onde a negação do conhecimento produzido por populações negras e indígenas contribui para a manutenção de um currículo monocultural, que desumaniza ao invisibilizar.

Esse enquadramento, como alerta a filósofa afro-brasileira Aza Njeri, impacta diretamente os sujeitos que não se encaixam no padrão hegemonicocidental na chamada “escala do ser”, tornando a experiência escolar uma vivência marcada pela exclusão e pelo silenciamento.

Diante disso, a inserção da uma perspectiva de mundo pluriversal, capaz de acolher a diversidade de saberes, culturas e existências, tal como afrocentricidade, é uma aposta para o cotidiano e calendário da geografia escolar, onde através das

contribuições dos não-brancos para humanidade e expandi-la através de perspectivas não eurocêntricas — no que se refere à história, cultura, língua, política, economia, tecnologia e ciência — torna o processo ensino-aprendizagem e a socialização escolar menos traumáticos, mais plurais e emancipadores (NJERI, 2019, p.5).

Essa abordagem possibilita que o espaço geográfico, objeto de estudo da geografia acadêmica, seja incorporado na geografia escolar não apenas como a materialização do território físico, mas como lugar de narrativas e práticas sociais **localizadas** e marcadas por resistências, apropriações culturais e dinâmicas de **agência** que valorizam a presença afrodescendente.

No âmbito prático, a operacionalidade da afrocentricidade no ensino de Geografia implica a construção de um currículo que descolonize o saber geográfico, incorporando a



centralidade da experiência negra na produção do espaço e nas relações socioespaciais. Isso se traduz na valorização das territorialidades negras, na problematização das desigualdades raciais e na promoção do protagonismo dos estudantes negros como sujeitos históricos e geográficos.

Apesar do debate se expandir em outras áreas da Ciências Humanas, o debate étnico-racial na Geografia ainda está atrasado e carece de repertórios que periciem a centralidade do racismo como condicionante da produção do espaço.

É nessa direção que, reconhecendo que a Afrocentricidade se insere na corrente de Estudos Africanos, o presente ensaio busca uma aproximação original entre a Afrocentricidade e o Ensino de Geografia, especialmente ao articular os conceitos de Localização e Agência com o pensamento geográfico crítico de Milton Santos.

Para tal o artigo utiliza explicitamente autores de diferentes origens, destacando assim a amplitude do referencial teórico afrodiáspórico, incorporando assim autores africanistas e intelectuais negros de diferentes frentes de pesquisa: Milton Santos (Geografia Crítica e formação socioespacial), Sueli Carneiro (dispositivo de racialidade), Elisa Larkin Nascimento (Estudos Africanos no Brasil), Aza Njeri (Educação afrocêntrica), Renato Nogueira (Afroperspectivismo), e Neusa Santos Souza (identidade negra).

Localização e agência

Sair do olhar que vem "de fora" e adotar uma perspectiva "a partir de dentro", centrada na experiência, na história, na cultura e na cosmovisão africana e afrodiáspórica é o exercício que a afrocentricidade evoca a partir de dois conceitos-chaves para a corrente de pensamento: a localização e a agência.

Segundo a teoria da afrocentricidade, a localização refere-se à posição dos africanos em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos. A posição do sujeito no discurso, ou seja, *de onde* ele fala, quais experiências o atravessam e como sua identidade influencia a produção e na compreensão do conhecimento.

Localização refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento histórico. Assim, estar em uma localização é estar fincado, temporária ou permanentemente, em determinado espaço. (ASANTE, 2009, p.96)

Uma localização afrocentrada valoriza a experiência histórica, cultural e política de um indivíduo ou grupo, permitindo sua autoafirmação e seu desenvolvimento. Contrastando com uma localização marginal eurocêntrica, imposta de fora, no caso da população não branca



brasileira, que pode levar à confusão e distorções, “uma pessoa oprimida está deslocada quando opera de uma localização centrada nas experiências do opressor” (Ibidem, 2009, p. 97). As relações raciais exprimem que “a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá.” (SOUZA, 1983, p.26)

Partindo do pensamento miltoniano, o local é dotado de uma significação particular (SANTOS, 2007), na perspectiva da afrocentricidade, é o ponto de referência a partir do qual o sujeito negro interpreta o mundo e a si mesmo. A localização é, portanto, geográfica, histórica, cultural, simbólica e política.

Para a afrocentricidade, recuperar a significação de espaços que foram apagados ou subordinados pela colonialidade é uma forma de afirmação identitária e de resistência epistemológica. A afrocentricidade enfatiza que o sujeito negro deve ser o protagonista do seu discurso e da sua ação, e isso inclui o lugar de onde se fala e se age. A produção de conhecimento afrocentrado está ligada ao contexto concreto (espacial, histórico e cultural) em que o sujeito vive.

No ensino de geografia, pensar a localização a partir da afrocentricidade é, por exemplo, reconhecer as territorialidades negras, a centralidade da diáspora africana na construção dos espaços urbanos e rurais, e valorizar narrativas geográficas que partem da experiência negra.

Determinada e influenciada pelos dados políticos e ideológicos, seus aspectos imateriais (SANTOS, 2017), a localização não se diferencia do potencial político da agência. Para a afrocentricidade, a agência refere-se a propriedade dos sujeitos negros de agir, resistir, produzir conhecimento, transformar sua realidade e afirmar sua existência com autonomia, é a

capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Em uma situação de falta de liberdade, opressão e repressão racial, a ideia ativa no interior do conceito de agente assume posição de destaque. (ASANTE, 2009, p. 94)

O movimento ativo de reivindicar voz, ação e protagonismo, chamamos de agência. Ela confronta o lugar passivo que a colonialidade muitas vezes reservou aos povos africanos e afrodescendentes. Está diretamente ligada à capacidade de reexistir, ou seja, de existir de forma afirmativa mesmo diante das opressões.

Incorporar a agência afrocentrada no ensino de geografia é uma abertura para que estudantes negros a partir das leituras socioespaciais e de suas rugosidades correlatas: se reconheçam como produtores de território, cultura e saber; construam narrativas próprias sobre



o espaço; e atuem criticamente no mundo, compreendendo-se como sujeitos históricos e transformadores.

Carregado de intencionalidades e refletindo dinâmicas de poder, o espaço geográfico, sendo socialmente construído, é produto de uma agência coletiva.

Para a afrocentricidade, a reivindicação do espaço e da territorialidade é um ato de agência. Assim como Santos aponta que a localização das frações da totalidade social depende das necessidades concretas da formação social (SANTOS, 2007), a afrocentricidade propõe que os sujeitos afrodescendentes também produzam e signifiquem espaços a partir de suas próprias necessidades, cosmologias e historicidades.

Por fim, a agência afrocentrada atua na transformação do espaço: ela não só responde ao espaço existente, mas também o recria. Isso reforça o pensamento de Milton Santos de que o espaço é um elemento ativo da totalidade social — e que a ação humana, especialmente a ação política e cultural, tem poder de reconfigurar o território, dar-lhe novos usos e novos sentidos.

No ensino de geografia, usar essas categorias permite reposicionar os sujeitos negros como centrais na leitura e na construção do espaço geográfico, subvertendo a lógica colonial que os invisibiliza.

Indo de encontro com um ensino que se objetiva ao aluno, conhecer o espaço para agir sobre o espaço, “saber Geografia é saber onde você está, conhecer o mundo, mas isto serve fundamentalmente para você agir sobre este mundo no processo de reconstrução da sociedade: se apresentar para participar.” (SANTOS, 2009, p. 27)

Na tentativa de sistematizar uma aproximação teórica que contemple as categorias base da afrocentricidade na perspectiva do ensino de geografia, foi definido um ponto de encontro, um ponto de partida inicial para a incorporação da epistemologia afrocentrada, tanto no que diz respeito à geografia acadêmica, quanto à geografia escolar.



Tabela: Ponto de encontro entre a afrocentricidade e o pensamento geográfico.

Afrocentricidade	Espaço Geográfico	Ponto de Encontro
Localização como centro epistêmico	Lugar como totalidade concreta	Centralidade do lugar e da experiência situada
Agência como ação contra a subalternidade	Ação como elemento constitutivo do espaço	Sujeitos como agentes produtores do espaço
Memória ancestral como base da resistência	Rugosidades inscritas no espaço	Persistência de contra-racionalidades
Descolonização do saber	Crítica à racionalidade técnico-científica	Epistemologias insurgentes contra a lógica dominante do capital

Fonte: Elaboração Própria, 2025.

Considerações finais

Sem pretensões detentoras de posse, típicas do eurocentrismo, autoriza-se aqui a noção de "lugar" para o desenvolvimento da matriz intelectual afrocentrada, definição da posição e da base da cultura subjetiva e histórica a partir da qual se age. Essa concepção de "lugar" está intrinsecamente ligada à categoria analítica da **localização**, um dos pontos de partida da afrocentricidade na Educação Geográfica.

No ensino de Geografia, pensar a localização afrocentrada implica reconhecer as territorialidades negras, a centralidade da diáspora africana na construção dos espaços e valorizar narrativas geográficas que partem da **agência** das experiências negras.

A operacionalização dos conceitos-chave de localização e agência são dessa forma utilizados para descolonizar o currículo geográfico, onde a localização representa a base da cultura subjetiva e histórica, o "lugar" de onde se age, em contraste com uma localização marginal eurocêntrica imposta, e a agência conflui no movimento ativo de reivindicar voz, ação e protagonismo, a capacidade de agir, resistir, produzir conhecimento e transformar a realidade.

A integração dos conceitos de localização e agência com o pensamento miltoniano e a leitura crítica ao espaço geográfico, possibilita uma interpretação que englobe os territórios negros enquanto "rugosidades" inscritas no espaço como evidência da persistência e resistência de contra-racionalidades, que impedem a alienação total produzida pela racionalidade técnico-científica e eurocêntrica.



A escolha da Afrocentricidade então, entre as múltiplas possibilidades de eixos orientadores, é justificada a partir do seu potencial de mobilização em três frentes de transformação para o pensamento geográfico:

- (1) ruptura paradigmática que desafia os fundamentos da matriz científica eurocêntrica, assumindo da crítica ao corretivo perante o etnocentrismo ocidental, propondo novas formas de desenvolver estudo e conhecimento dentro da corrente “Africana”;
- (2) a raça como determinante da produção espacial, onde o racismo assume dimensão central e estruturante da realidade brasileira, elemento fundante das dinâmicas de poder;
- (3) tensionamento das epistemologias eurocentradas da Geografia, ao (re)posicionar o sujeito negro como agente epistêmico e produtor do espaço.

Assim, a afrocentricidade não só enriquece a compreensão dos fenômenos geográficos, mas também contribui para a formação de uma consciência crítica e engajada, capaz de questionar as estruturas de poder e de construir um futuro mais justo e plural, em consonância com os preceitos da Lei 10.639/03, compreendendo-a não como uma exigência pontual, mas como uma convocação à transformação do pensamento geográfico e das metodologias de ensino.

A incorporação da afrocentricidade no currículo de Geografia, em consonância com a Lei 10.639/03, permite que o espaço geográfico seja compreendido não apenas como território físico, mas como lugar de narrativas e práticas sociais localizadas e marcadas por resistências e agência afrodescendente.

Ao introduzir uma perspectiva de mundo pluriversal, capaz de acolher a diversidade de saberes, culturas e existências, o processo ensino-aprendizagem e a socialização escolar tornam-se menos traumáticos, mais plurais e emancipadores, valorizando as contribuições dos não-brancos para a humanidade e expandindo o conhecimento para além das perspectivas eurocêntricas.

Em suma, a afrocentricidade na Educação Geográfica não é apenas uma exigência legal, mas um convite a descolonizar o saber, promover o protagonismo negro e edificar um conhecimento que de fato rompa com as amarras coloniais, construindo um futuro mais justo e equitativo para todos.



Referências bibliográficas

ASANTE, K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. In: **Revista África e africanidades**. v. 3. n.11. nov 2010. Disponível em: http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf Acesso em 23 jul. 2025.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, /S. l./, n. 54, p. 81_100, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, Renato Emerson. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o Negro na Geografia do Brasil**. Coleção Cultura Negra e Identidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; v. 4. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf> Acesso em: 28 jul. 2025.